

Reflexos, reflexividade, refração: Consequências de uma escolha!

*Reflexes, reflexivity, refraction:
Consequences of a choice!*

NILDA JACKS^a

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação,
Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Porto Alegre – RS, Brasil

RESUMO

Este artigo trata da produção intelectual realizada entre a dissertação de mestrado defendida em 1985 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e a pesquisa mais recente, em desenvolvimento. O objetivo é identificar as marcas deixadas pela formação obtida em nível de pós-graduação, **considerando** que o doutorado foi realizado no mesmo programa, relacionando-as às pesquisas realizadas durante a trajetória acadêmica.

Palavras-chave: Formação acadêmica, pesquisa, trajetória acadêmica

^a Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1625-2619>.
E-mail: jacks@ufrgs.br

ABSTRACT

This paper examines the intellectual production developed between the master's thesis defended in 1985 under the graduate program in Communication in the Art and Communication School at University of São Paulo, and the most recent ongoing research. It seeks to identify the marks left by a graduate academic education, considering that the PhD was developed under the same Program, and relating it to other research performed during the academic path.

Keywords: Research, academic education, academic path

PROCESSOS AUTORREFLEXIVOS COSTUMAM surtir efeitos surpreendentes em quem os realiza. Não foi diferente ao preparar o Memorial, ponto de partida para este texto, para progressão à Professora Titular da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Revisar a produção realizada desde a dissertação de mestrado, cursado na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), redimensionou a percepção do percurso acadêmico realizado até então. Foi como encontrar as conexões, os desvios, as complementariedades, as lacunas, mas acima de tudo as marcas de uma vida dedicada à pesquisa e a determinadas questões e suas motivações. Além da trajetória de pesquisa, foi possível dimensionar também a repercussão na formação de novos pesquisadores – bolsistas de iniciação científica, mestrandos e doutorandos – e na formação de coletivos para atuação em grupos de pesquisa.

Em um texto anterior, “Pesquisar é se Tornar Aprendiz!” (Jacks, 2021), também consequência da experiência de escrever o referido Memorial, tracei algumas considerações sobre a produção, o processo pelo qual passei e o longo aprendizado acerca dos temas, das questões, dos procedimentos metodológicos: os frutos dessa trajetória.

Aqui vou tentar retomar tudo isso na relação com minha formação no mestrado e doutorado na ECA/USP, realizados entre 1985 e 1993, para destacar as marcas deixadas nessa experiência fundante de minha trajetória, que já tem quase quatro décadas.

Nunca havia realizado uma pesquisa acadêmica quando decidi fazer mestrado, pois na época não havia sido implementado o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Faculdade de Comunicação Social (Facos) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na qual me graduei e era professora auxiliar. Por outro lado, nunca havia morado¹ fora do Rio Grande do Sul quando decidi tentar a seleção na ECA, um dos quatro² Programas de Pós-Graduação (PPG) em Comunicação existentes no país, em 1984.

O fato de ter escolhido esse programa definiu os rumos da pesquisa que realizei durante a minha formação de pós-graduação e nos anos subsequentes como pesquisadora emergente no campo. Foi lá que fiz cursos que me possibilitaram estudar as relações entre comunicação e cultura, os quais foram ao encontro da graduação em Artes Plásticas e Comunicação Social, aglutinando e potencializando os aspectos dessa formação.

O ambiente teórico encontrado na ECA em poucos meses desfez a ideia original do projeto apresentado para a seleção, que era estudar a publicidade produzida para o meio rural gaúcho, uma vez que era graduada em Publicidade e

¹ Até os dez meses de idade vivi em Pindamonhangaba (SP), onde nasci.

² Os outros eram na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade de Brasília (UnB).

Propaganda. Mantive a publicidade como campo a ser estudado, mas a articulei com uma problemática emergente na época, que era a questão das identidades regionais na relação com a indústria cultural, frente ao fortalecimento do processo de globalização, visando entender suas imbricações.

O cenário foi o contexto da cultura gaúcha, em efervescência nos anos 1980, quando um movimento cultural renovador – chamado nativismo – desestabilizou um movimento anterior – chamado tradicionalismo –, o qual havia cristalizado as expressões culturais gaúchas em todas suas dimensões. A proposta teórica tensionava, sobretudo, afirmações sobre o poder dos meios de comunicação de fragilizarem, quando não de aniquilarem, as culturas populares, visão hegemônica em voga decorrente de teorias da manipulação.

Assim, a pesquisa de mestrado, publicada anos depois como *Mídia Nativa: Cultura Regional e Indústria Cultural* (Jacks, 1998), problematizou o papel dos meios na construção de identidades regionais, tendo como objeto empírico o movimento nativista e foco principal a produção publicitária gaúcha. Os principais conceitos desenvolvidos na pesquisa – indústria cultural e cultura regional – sofreram um processo de apropriação porque circulavam, naquele momento, com uma definição muito rígida para dar conta do fenômeno em pauta. Carlos Eduardo Lins da Silva (1980), sintonizado com o debate sobre cultura popular nos fóruns de comunicação da América Latina, sob a perspectiva gramsciana de hegemonia, ajudou a pensar que o conceito de indústria cultural poderia designar, na dissertação, a criação, produção e distribuição de produtos midiáticos destinados a seus públicos, liberado do sentido proposto por Adorno e Horkheimer para criticar a emergente cultura massiva na década de 1940. Ele entendia que a expressão poderia ter sido cunhada com objetivo mais retórico do que científico, mas que era útil para nomear a lógica do processo de produção cultural massiva.

Da mesma forma e sob a mesma perspectiva, Martín-Barbero, que acabava de chegar às discussões sobre as relações entre comunicação e cultura que se estabeleciam na ECA, ajudou a trabalhar com o conceito de cultura regional, de forma mais flexível. A partir dele, ela foi entendida em um sentido mais amplo, incluindo manifestações de caráter “erudito”, “popular” e “massivo”, instâncias historicamente imbricadas por determinações dos processos de industrialização e urbanização (Martín-Barbero, 1987). A dissertação foi produzida em momento de quebra de paradigma nos estudos de comunicação na América Latina, sendo que a identidade cultural foi tratada pelo ponto de vista das instituições, mas também dos agentes culturais, sujeitos vinculados tanto ao nativismo e ao tradicionalismo quanto aos meios de comunicação.

Na tese doutoral foi mantida a mesma perspectiva, mas sob um ângulo que avançou em direção aos sujeitos receptores e suas práticas culturais, também como consequência da chegada à ECA do que ficou conhecido como teorias latino-americanas. Publicada com o título *Querência: Cultura Regional como Mediação Simbólica* (Jacks, 1999), nela foi explorada a identidade cultural regional, mas agora na relação com a recepção de uma telenovela, tratando da mediação da cultura regional no processo de produção de sentido dos receptores. Estudar a telenovela também foi uma consequência de fazer doutorado na ECA, pois já havia lá uma forte tendência de considerar esse produto massivo com indiscutíveis elementos da cultura brasileira e com papel importante na constituição de identidades.

O cotidiano dos receptores, contexto essencial para entender os processos de recepção, foi incorporado ao objeto de estudo e nele foram identificados os elementos da cultura regional que eram vivenciados e que proporcionavam reconhecimento e sentido de pertencimento ao grupo estudado. Foram identificadas também as instituições que atuavam na construção e consolidação da identidade regional e os marcadores sociais presentes nos processos identitários dos receptores, além das articulações nas apropriações e interpretações dos valores veiculados pela telenovela *Pedra sobre Pedra*, da Rede Globo, de 1992. As telenovelas, depois de um período dedicado a outras questões, voltam ao foco também como um desdobramento da formação na ECA, como será comentado mais adiante.

Voltando à tese, em termos teóricos dois eixos articulados marcaram o estudo, que, segundo Maria Immacolata Lopes (1999), inaugurou em termos empíricos o empreendimento de considerar a teoria das mediações³, em emergência na América Latina naquele momento, no estudo das relações entre cultura e comunicação. No primeiro eixo, a problemática das indústrias culturais e seu papel na formação das identidades contemporâneas; no segundo, a mediação cultural e as práticas cotidianas na formação das audiências, tendo como autores norteadores Martín-Barbero (1987) e Canclini (1990).

Para tratar da identidade cultural regional, as noções de mestiçagem (Martín-Barbero, 1987) e de hibridação (Canclini, 1990) ajudaram a pensar a inserção dos meios em sua reconfiguração e, nesse cenário, a constituição das identidades das audiências. Eles, além de darem base à discussão teórica, pautaram os caminhos metodológicos, na medida em que realocaram a discussão sobre as relações entre cultura e comunicação, evidenciaram a natureza negociada da comunicação e redimensionaram o papel do receptor como sujeito ativo no processo de recepção.

O fato de ter definido o PPG da ECA como lugar de formação angulou de forma indelével tudo que realizei em minha vida acadêmica, tanto na formação

³Em relação à apropriação do conceito de mediações trazidas pela proposta barberiana, já em circulação no Brasil, houve a conjugação ao modelo das multimediasções, proposto por Guillermo Orozco Gómez (1991), autor que circulava nas publicações latino-americanas.

de novos pesquisadores quanto de minha própria pesquisa, pois de lá irradiou toda a discussão latino-americana realizada em fóruns pelo continente e, também, porque a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) era sediada na Escola à época.

A primeira pesquisa realizada como recém-doutora teve a parceria de duas outras “ecanas”, Doris Haussen e Carolina Escosteguy, que trabalhavam na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Com a mesma matriz de formação, nos juntamos interinstitucionalmente para realizar a pesquisa *Indústria Cultural Gaúcha: Estudo dos Meios de Comunicação de Massa e sua Inserção na Cultura Local e Regional* (Jacks & Escosteguy, 1997), que deu sequência à intenção de relacionar comunicação e cultura, interesse das três, retomando a perspectiva de que a cultura de massa é um fenômeno intrínseco à contemporaneidade, cujos agentes estão inseridos no contexto sociocultural de que fazem parte e dele resultam.

Com esse foco, foram identificados e analisados a estrutura e os conteúdos da indústria cultural gaúcha – jornais, emissoras de rádio AM e FM, emissoras de televisão – das dez cidades com maior infraestrutura midiática. A análise de seus conteúdos foi realizada a partir dos referentes local, regional, nacional e internacional. Ou seja, sobre o conteúdo local as matérias deveriam ser produzidas acerca de e para a comunidade, e sobre o regional deveriam ser de interesse circunscrito à sociedade gaúcha. Os conteúdos de caráter nacional foram identificados como os que se referiam ao âmbito do país, e os internacionais os que não diziam respeito ao território delimitado por suas fronteiras. Também foram reconstituídas as histórias de cada veículo, assim como identificados seus proprietários, objetivo que se revelou inaugural para muitos dos veículos analisados, que não tinham suas trajetórias históricas sistematizadas.

Dois encontros acadêmicos – com Sérgio Capparelli, que voltava do pós-doutorado no Canadá, e com o dinamarquês Thomas Tufte, em um congresso em São Paulo – marcaram um novo desafio teórico-metodológico, pois decidimos trabalhar em uma pesquisa integrada⁴, que resultou na publicação de *TV, Família e Identidade: Porto Alegre “Fim de Século”* (Jacks & Capparelli, 2006).

Como vínhamos de duas tradições teóricas diferentes – economia política da comunicação e estudos culturais –, tivemos que acomodar nossas diferenças e superar o que vinha ocorrendo na área, ou seja, análises que contemplavam as macroestruturas sociais e/ou político-econômicas ou que desciam ao detalhe da mensagem, via semiótica, retórica, análise de conteúdo ou do discurso. Ambas deixavam de fora os sujeitos envolvidos nos processos e práticas relativos à comunicação. Na tentativa de superar esse cenário teórico-analítico, propusemos adotar uma perspectiva que contemplasse o entendimento da inter-relação

⁴ Com Sérgio Capparelli e Nilda Jacks Pela UFRGS, por meio do Núcleo de Pesquisa Cultura e Recepção Midiática do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM). Com Thomas Tufte, pela Universidade de Copenhague.

dos âmbitos macro e microsocial. Nosso propósito foi entender os sistemas – meios de comunicação – e os processos de comunicação, recepção e consumo midiático à luz de um arcabouço teórico interessado nas imbricações entre micro e macro contextos, entre estruturas e agentes, entre campos de produção cultural e práticas cotidianas, além de outras questões relativas à problemática.

Autores como Anthony Giddens e Pierre Bourdieu estiveram na base para sustentar uma ideia de sociedade que revelasse movimentos entre suas diversas esferas. Metodologicamente, fomos inspirados por modelos propostos pelos latino-americanos Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini, Jorge A. González e Guillermo Orozco Gómez, os quais tratam das relações entre os meios e audiências a partir de uma densa trama teórica, operacionalizada por uma multimetodologia. Nicholas Garnham, Graham Murdock e James Lull também estiveram entre modelos inspiradores. As estratégias analíticas adotadas a partir dessas referências percorreram diversas vias e tomaram várias dimensões, vinculando Economia Política e Estudos Culturais, diálogo muito pouco estabelecido no Brasil até então, mas em curso na Europa, como demonstra o intenso debate entre James Curran e David Morley (Curran et al., 1998).

Assim, a análise macroestrutural – encabeçada pela equipe de Sérgio Capparelli – tomou tanto o polo da produção e da veiculação dos programas de televisão em Porto Alegre quanto as demais ofertas culturais, as quais foram estudadas do ponto de vista histórico e urbanístico, ressaltando suas transformações ao longo do tempo. A microestrutural, por sua vez – realizada pela equipe coordenada por Nilda Jacks, a qual também apoiou o trabalho de Thomas Tufte na cidade –, privilegiou o polo da recepção e do consumo midiático, trabalhando os eixos diacrônico e sincrônico de forma articulada. No diacrônico, a técnica de histórias de família teceu a trajetória de três gerações de cinco famílias, na intenção de descrever como as identidades étnica, familiar e regional construíram-se e transformaram-se de uma geração à outra, sob a influência ou não dos meios de comunicação presentes em cada época (jornal, rádio, TV aberta, TV por assinatura e internet). Essa estratégia permitiu também conhecer como a instituição familiar contribuiu para a formação de seus membros como audiência televisiva, no que diz respeito à preferência por gêneros e tipos de programas, ao tipo de relação com o meio, à definição de papéis na estruturação do conhecimento, das opiniões, das visões de mundo etc. No eixo sincrônico, a etnografia da audiência – desenvolvida por Thomas Tufte – produziu dados sobre o cotidiano e as relações sociais e familiares de um núcleo de cada uma das cinco famílias, a fim de revelar as práticas culturais e os usos dos meios, em especial a TV a cabo, a qual conecta a cultura global com a local⁵.

⁵ A análise final teve a supervisão de Klaus Jensen, na Universidade de Copenhague, Dinamarca, como atividade de pós-doutorado com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Para dimensionar o papel da televisão no processo de reconfiguração da identidade regional, foi realizada paralelamente à pesquisa anteriormente descrita uma análise dos discursos sobre a identidade gaúcha, publicado em *Identidade Cultural como Formação Discursiva* (Jacks, 2018). O objetivo foi atualizar a discussão pós-irrupção do movimento nativista nos anos 1980, o qual havia sido tratado tanto na dissertação quanto na tese, tomando como corpus a coleção “Nós, os Gaúchos”⁶, publicada na década de 1990. Além dos discursos sobre o gauchismo, foram identificados também os capitais culturais e sociais dos produtores desses discursos e de que perspectiva disciplinar/profissional escreveram seus argumentos sobre a identidade regional naquele momento.

A aposta teórica realizada nesse empreendimento foi considerar a identidade cultural como uma formação discursiva (Murdock, 1993) e como um “campo regional” (Bourdieu, 1989), a qual circula socialmente e é produzida por diversos agentes, entre eles a mídia e seus produtores. A aproximação entre os dois autores deu arcabouço para trabalhar representações que são fruto de estruturas de poder, mas que não são estáticas e sofrem mudanças que acompanham os movimentos da história. Objetivamente, foram cotejadas as categorias bourdianas de *representações mentais* (língua, sotaque, dialeto, caráter etc.), *representações objetais* em coisas (emblemas, bandeiras, hinos, indumentárias etc.) e em atos (estratégias de manipulação simbólica) com as de Murdock, que aponta três formações⁷ que distinguem a modernidade: 1) formações econômicas e políticas; 2) formações culturais e de saber/conhecimento; e 3) formações da vida cotidiana, em que os âmbitos anteriores são incorporados e vivenciados. Ele conceitua identidade cultural como maneiras organizadas de descrever e explicar o mundo social ou proporções dele, a qual compreende quatro elementos: 1) sistemas de classificação; 2) nomes e imagens favorita; 3) formas de argumentação e raciocínio; e 4) princípios de avaliação (Murdock, 1990). Apesar das formações discursivas estarem organizadas, não são necessariamente coerentes, pois podem apresentar inconsistências e contradições, além de desarticulações entre as conexões analíticas e as conotações ligadas a imagens preferidas, que são mais abertas a várias interpretações.

Nesse ínterim, a relação com a ECA volta a se estreitar quando um convite para participar do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (OBITEL) foi feito por Maria Immacolata Lopes, no final dos anos 2000. Assim, o foco na relação dos sujeitos com a telenovela, abordada na tese doutoral, volta a pautar a nova fase da pesquisa. Sendo o OBITEL um projeto permanente de análise da produção e/ou do consumo de ficção, é possível acompanhar de forma sistemática as transformações em curso, dando oportunidade ímpar de atualizar coletivamente o debate sobre processos e práticas de recepção. Como os demais

⁶ Publicada pela editora da UFRGS, constituída de cinco volumes: *Nós, os Gaúchos* (1992), *Nós, os Gaúchos Volume 2* (1994), *Os Teuto-Gaúchos* (1996), *Os Ítalo-Gaúchos* (1996) e *Os Afro-Gaúchos* (1996).

Reúne 239 textos produzidos por 34 escritores, 31 historiadores, 26 professores de letras/literatura, 20 jornalistas, 13 professores universitários (artes, música, geografia política, educação física etc.), 10 políticos, quatro sociólogos, nove antropólogos, sete filósofos, cinco educadores, cinco músicos/compositores, cinco arquitetos, quatro religiosos, quatro médicos, três museólogos, três teatrólogos, três cartunistas, dois físicos, dois folcloristas, dois fotógrafos, dois cineastas, um cientista político, um livreiro, um editor, um economista, um advogado, um ecologista, um estilista, um artista plástico, um militar (ex-presidente da república), um diplomata e outros sem identificação mais precisa.

⁷ Murdock (1993) diz que é mais útil pensar a sociedade contemporânea em termos de *formações*, tanto a respeito das instituições como dos regimes, uma vez que o contexto sociocultural atual é constituído por um processo complexo e contraditório, incapaz de ser pensado somente em termos estruturais.

pesquisadores do OBITEL, tornou-se mandatória a adoção da nomenclatura *recepção transmidiática* para denominar as novas relações dos receptores com os meios frente à convergência midiática.

Nesse cenário, nossa proposta nas últimas quatro edições foi analisar longitudinalmente as telenovelas veiculadas pela Globo no momento da realização da pesquisa para o biênio. Fizeram parte do *corpus* as telenovelas *Passione* (Jacks & Ronsini, 2011), *Avenida Brasil* (Jacks et al., 2013), *Império* (Jacks et al., 2015b) e *Velho Chico* (Jacks et al., 2017c), na tentativa de acompanhar as mudanças e tendências operadas tanto na esfera da produção quanto na recepção. Para tal, os procedimentos metodológicos são sempre retomados para fazer o acompanhamento e comparação do comportamento das audiências em plataformas digitais, exercendo dessa forma a metodologia de observatório, ponto chave da proposta de nossa equipe. Em 2019, essas narrativas foram retomadas para explorar a criação de *mundos possíveis*, tema do ano, na busca da construção ficcional dos mundos populares (Jacks et al., 2019), dando continuidade ao modo sistemático de proceder nossas análises, mesmo que dessa vez não exatamente repetindo alguns procedimentos, como nas três edições anteriores, por força do tema do ano.

O pertencimento ao OBITEL foi fundamental para definir os rumos das pesquisas seguintes, como bolsista do CNPq e coordenadora do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad), em 2013, pois o conceito de transmidiático (Jenkins, 2008) seguiu investigado em *Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência* (Jacks et al., 2015a) e em *Jovem Brasileiro e Práticas Midiáticas em Tempo de Convergência: O “Brasil Profundo”* (Jacks et al., 2021). Ambos os estudos foram desenvolvidos de forma comparativa e com cobertura nacional e regional, respectivamente, na tentativa de conhecer a relação de jovens de todas as regiões do país com as redes sociais digitais.

O objetivo da primeira pesquisa foi identificar as temáticas que mais circulavam entre jovens dos 26 estados e do Distrito Federal⁸, além das práticas e rituais referentes ao uso das plataformas mais utilizadas entre eles. Informações contextuais – históricas, geográficas, econômicas, demográficas, culturais, midiáticos etc. – sobre cada estado (Jacks & Toaldo, 2014) e sua capital (Silvestrin et al., 2016) foram produzidas para entender e tentar explicar as práticas juvenis. Contexto e situação são duas escalas importantes para designar o pertencimento dos sujeitos, forjando estratégias de triangulação para analisar uso de tempo e espaço e as práticas que aí ocorrem. Um estudo piloto combinado com uma pesquisa exploratória fez parte dos procedimentos, o qual, em termos técnicos, adotou um questionário aplicado a 10 universitários⁹ (moças e rapazes entre 18 e 24 anos), seguido de uma observação do perfil do Facebook de outros

⁸ Levantadas por equipes locais vinculadas à Rede Brasil Conectado.

⁹ Para mapear o consumo cultural e midiático. A observação do Facebook levantou práticas, rituais e conteúdos disponibilizados e encaminhados, além do consumo midiático e cultural.

10 jovens. Com esses dados iniciais foi formulado um questionário online, disponibilizado para jovens moradores das capitais.

A experiência exitosa com os jovens das capitais suscitou a vontade de algumas equipes da Rede Brasil Conectado de conhecer as práticas de jovens interioranos. A pesquisa *Jovem Brasileiro e Práticas Midiáticas em Tempo de Convergência: O “Brasil Profundo”*¹⁰ (2021) adentrou o interior de três estados na tentativa de conhecer um pouco da realidade dos jovens¹¹ que vivem distantes das metrópoles e pertencem a grupos sociais específicos. Jovens de pequenas cidades do interior do Pará, Sergipe e Rio Grande do Sul, assim como da área rural e ribeirinha e alguns pertencentes a quilombos, foram estudados em relação ao consumo midiático e às práticas convergentes no âmbito digital (Jacks et al., 2020).

Também tributária da formação na ECA, em especial na disciplina de metodologia da pesquisa, foi a inclinação para produzir metapesquisas, no intuito de atualizar o estado da arte da pesquisa de recepção e consumo midiático realizada nos PPG. Essa empreitada originou os volumes I, II e III de *Meios e Audiências* (Jacks et al., 2008), o primeiro destacando a emergência desses estudos no Brasil, o segundo a sua consolidação e o terceiro sua reconfiguração diante da convergência midiática, cuja sequência está em vias de produção para constituir o volume IV (previsto para 2023).

Em *Meios e Audiências* (Jacks et al., 2008), o corpus foi relativo à década de 1990, com um total de 49 pesquisas, nas quais foram identificados três tipos de abordagens teórico-metodológicas: sociocultural, comportamental e outras. Foram analisados também aspectos técnicos e empíricos para elaborar um estado da arte das pesquisas na área, visando propor uma agenda para a década seguinte, método seguido em todos os volumes. *Meios e Audiências II*¹² (Jacks et al., 2014) contempla o estudo desenvolvido entre 2000 e 2009, cujo corpus foi composto por 209 pesquisas, as quais focaram a relação empírica¹³ dos receptores com os meios. A abordagem sociodiscursiva, tributária da adoção das teorias do discurso, principalmente trazidas pelos estudos de jornalismo, foi a novidade encontrada. *Meios e Audiências III* (Jacks et al., 2014) tratou de um período mais curto – 2010 a 2015 –, intervalo reduzido para acompanhar as rápidas mudanças operadas pela convergência midiática, que trouxe o embaralhamento do papel do receptor, participando muitas vezes como produtor, e a inclusão das redes sociais no objeto de estudo.

Nesse volume, foi realizada a distinção entre estudos de recepção e de consumo midiático (Toaldo & Jacks, 2017), duas grandes vertentes de estudos latino-americanos, pois são problemáticas distintas, mesmo que relacionadas, as quais sofrem novas tensões com a convergência midiática, que também levou

¹⁰ Expressão inspirada em Guillermo Bonfil Batalla, que escreveu *México Profundo* (1989). “Profundo” foi uma noção cunhada para designar, entre as diferentes vertentes da sociedade mexicana contemporânea, a indígena. O México Profundo é a civilização negada, formada por uma diversidade de culturas, comunidades e setores sociais que constituem a maioria da população daquele país.

¹¹ A concepção de juventude adotada considera a impossibilidade de associá-la a uma definição única, relacionada a um período temporal. A condição física se reflete em ansios, emoções, experiências, signos usados e na própria força corporal, energia e capacidade produtiva, em um sentimento de invulnerabilidade. Outras variáveis, além da idade, são: geração na qual é socializado; gênero; condição familiar; e instituições a que pertencem

¹² Entre *Meios e Audiências I e II* foi publicado *Análisis de Recepción en América Latina: Un recuento Histórico con Perspectivas al Futuro* (Jacks et al., 2011). O estudo foi resultado de uma pesquisa integrada latino-americana que analisou a produção de quase todos os países do continente no período de 1990 a 2010. A rede de pesquisadores encontrou-se em Quito para discutir os primeiros avanços com especialistas convidados para construir uma agenda latino-americana a partir dos dados de cada país. Estiveram presentes Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez, Valerio Fuenzalida e Maria Immacolata Lopes, que produziram textos nos quais propõem uma agenda de pesquisa para a América Latina.

¹³ Foi eliminada a abordagem chamada “outras”, porque são pesquisas que apenas supõem os receptores.

à diferenciação entre mídia e mídia social. Institucionalidade, formalidade e mecanismos de regulação caracterizam a primeira. Aparelhos telefônicos, disquetes, *pendrives*, tapumes, camisetas não foram considerados mídia, portanto, nem o corpo humano, como consideram alguns pesquisadores. Para Klaus Jensen (2010), o corpo humano, assim como os demais dispositivos citados acima, são meios de primeiro grau que fazem parte do desenvolvimento histórico deles. O'Sullivan (1993) afirma que essa noção é muito ampla e seu uso decresceu para dar lugar exclusivamente aos meios de comunicação de massa, que para Jensen (2010) são meios de segundo grau, os quais atuam de um-para-todos, ou seja, são basicamente os meios analógicos.

Mídia social, por sua vez, segundo Martín-Barbero (2015), é um canal de comunicação entre as pessoas e entre as instituições sociais e seus públicos. Eles produzem um conjunto de informações tecidas socialmente, que podem ser consultadas nas redes, o que Jensen (2010) chama de metamídia ou meios de terceiro grau. Por esse motivo e em razão da análise empreendida, as mídias sociais só foram consideradas no corpus quando sua utilização foi feita por algum veículo de comunicação para expandir seu relacionamento com as audiências, inseridas no processo de convergência midiática. Nesse caso, os processos de recepção e de consumo midiático podem ocorrer de maneira transmidiática, tratando-se das audiências em rede, fenômeno amplamente identificado na experiência de pesquisas junto ao OBITEL.

O longo processo que começou na década de 1980, com a primeira experiência de pesquisa ao realizar o mestrado na ECA/USP, ainda fecunda a pesquisa em andamento: *Recepção Fílmica e Espectatorialidade Cinematográfica: Explorações Teórico-Metodológicas*. Nela, como nas demais pesquisas desenvolvidas, questões fundamentais como partir do conhecimento da produção do campo e ter fortes bases metodológicas são compromissos selados com a formação recebida, expressas em texto anterior como “conhecer, assimilar, criar” (Jacks, 2020). Sem esse exercício reflexivo não há como avançar e inovar com bases sólidas. ■

REFERÊNCIAS

- Batalla, G. B. (1989). *México profundo: Uma civilização negada*. Grijalbo.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Bertrand Brasil.
- Canclini, N. G. (1990). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Grijalbo.
- Curran, J., Morley, D., & Walkerdine, V. (Coords.). (1998). *Estudios culturales y comunicación: Análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo*. Paidós.

- Moreno, M. M., Amozurrutia, J. A., & González, J. (Coords.). (2007). *Cibercultur@ e iniciación en la investigación interdisciplinaria*. Universidad Nacional Autónoma de México.
- Jacks, N., & Escosteguy, A. C. (1997). Indústria cultural gaúcha: Dados sobre a oferta. *Revista FAMECOS*, 7, 158-167.
- Jacks, N. (1998). *Mídia nativa: Cultura regional e indústria cultural*. UFRGS.
- Jacks, N. (1999). *Querência: Cultura regional como mediação simbólica*. UFRGS.
- Jacks, N., & Capparelli, S. (Coords.). (2006). *TV, família e identidade: Porto Alegre “fim de século”*. EdIPUCRS.
- Jacks, N., Menezes, D., & Piedras, E. (Coords.). (2008). *Meios e audiências: A emergência dos estudos de recepção no Brasil*. Sulina.
- Jacks, N. (Ed.). (2011). *Análisis de recepción en América Latina: Un recuento histórico con perspectivas al futuro*. Ciespal.
- Jacks, N., & Ronsini, V. (2011). Telenovela em múltiplas telas: Da circulação ao consumo. In M. I. V. Lopes, *Ficção televisiva transmidiática no Brasil: Plataformas, convergência, comunidades virtuais* (vol. 2, pp. 297-337). Sulina.
- Jacks, N., Oikawa, E., Grijó, W., Avancini, D., Piedras, E., Sgorla, F., Wottrich, L., Sifuentes, L., Silva, L., Pieniz, M., Feitosa, S., John, V., & Ronsini, V. (2013). *Passione e Avenida Brasil: Produção crossmídia e recepção transmidiática?* In M. I. V. Lopes, *Estratégias de transmediação na ficção televisiva brasileira* (pp. 179-215). Sulina.
- Jacks, N. (Org.). (2014). *Meios e audiências II: A consolidação dos estudos de recepção no Brasil*. Sulina.
- Jacks, N., & Toaldo, M. M. (Eds.). (2014). *Brasil em números: Dados para pesquisas de comunicação e cultura em contextos regionais*. Insular.
- Jacks, N., Toaldo, M. M., Schmitz, D., Mazer, D., Oikawa, E., Noll, G., Wottrich, L. H., Silva, R. T., & Moralejo, S. (2015a). Pequeno relato de um grande esforço: “Jovem e consumo midiático em tempos de convergência”. *Revista Contemporânea*, 13(1), 10-26.
- Jacks, N., Pieniz, M., Schmitz, D., Mazer, D., Oikawa, E., Sgorla, F., Sifuentes, L., Silva, L., Feitosa, S., John, V., & Grijó, W. (2015b). Telenovelas em redes sociais: Enfoque longitudinal na recepção de três narrativas. In M. I. V. Lopes, *Por uma teoria de fãs da ficção brasileira* (pp. 281-317). Sulina.
- Jacks, N., Piedras, E., Pieniz, M., John, V. (Orgs.). (2017a). *Meios e Audiências III: Reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil*. Sulina.
- Jacks, N., Sifuentes, L., Pedroso, D., Avancini, D., Oikawa, E., Sgorla, F., Miranda, F., Silva, L., Pieniz, & Feitosa, S. (2017c). *Velho Chico: Mais um episódio na busca pelo fã de telenovela*. In M. I. V. Lopes, *Por uma teoria de fãs da ficção*

- televisiva brasileira II: Práticas de fãs no ambiente da cultura participativa* (pp. 221-247). Sulina.
- Jacks, N. (2018). Campo cultural, formação discursiva e identidades: Diálogo com a noção de regionalidade. In M. Benetti & R. Baldissera, *Pesquisa e perspectivas de comunicação e informação* (pp. 57-73). Sulina.
- Jacks, N., Schmitz, D., Pedroso, D., Alves, D., Oikawa, E., Sgorla, F., Libardi, G., Wottrich, L., Sifuentes, L., Silva, L., Feitosa, S., & John, V. (2019). Construções de mundo: O popular da narrativa à recepção. In M. I. V Lopes, *A construção de mundos na ficção televisiva brasileira* (pp. 183-202). Sulina.
- Jacks, N., Toaldo, M., & Marques, J. (2020). Youth media practices in rural contexts: Aspects of “Brasil Profundo”. In C. Pereira, *Brazilian youth: Global trends and local perspectives* (pp. 69-96). Routledge.
- Jacks, N. (2020). Conhecer, assimilar, criar: Pesquisar é se tornar um aprendiz. In C. Rodriguez, C. Magallanes, A. Marroquin, & O. Rincón, *Mujeres de la comunicación* (pp. 55-66). FES Comunicación.
- Jacks, N. (2021). Pesquisar é se tornar aprendiz! In A. T. Martins, *Trajetórias de pesquisa em comunicação: Temas, heurísticas, objetos* (pp. 16-31). Pimenta Cultural.
- Jacks, N., Seixas, N. S. A., & Braga, V. (Orgs.). (2021). *Jovens em redes sociotécnicas: Aspectos múltiplos*. Pimenta Cultural.
- Jenkins, H. (2008). *Cultura da convergência*. Aleph.
- Jensen, K. (2010). *Media convergence: The three degrees of network, mass, and interpersonal communication*. Routledge.
- Lopes, M. I. V. L. (1999). Apresentação. In N. Jacks, *Querência: Cultura regional como mediação simbólica* (pp.17-20). UFRGS.
- Martín-Barbero, J. (1987). *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. Gustavo Gilli.
- Martín-Barbero, J. (2015). Hacia el habla social ampliada. Entrevista prólogo. In A. Amado, & O. Rincón, *La comunicación en mutación: Remix de discursos* (pp. 13-18). Centro de Competencia en Comunicación para América Latina.
- Murdock, G. (1990). La investigación crítica y las audiencias activas. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, 4(10), 187-239.
- Murdock, G. (1993). Communications and the constitution of modernity. *Media, culture & society*, 15(4), 521-539.
- O’Sullivan, T. (1993). *Key concepts in communication and culture studies* (2a ed). Routledge.
- Orozco Gómez, G. (1991). La audiencia frente a la pantalla: Una exploración del proceso de recepción televisiva. *Dialogos de la comunicación*, 30, 54-63.

- Silva, C. E. L. (1980). Indústria cultural e cultura brasileira: Pela utilização do conceito de hegemonia cultural. *Encontros com a civilização brasileira*, (25), 167-194.
- Silvestrin, C. B., Noll, G., & Jacks, N. (Orgs.). (2016). *Capitais brasileiras: Dados históricos, demográficos, culturais e midiáticos*. Appris.
- Toaldo, M., & Jacks, N. (2017). Consumo midiático: Uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. In R. Ribeiro, R., *Jovens, consumo e convergência midiática* (pp. 19-29). UFPR.

Artigo recebido em 18 de Outubro de 2022 e aprovado em 16 de Novembro de 2022.

